

HORIZONTES DO MUNDO VIVIDO: REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA HERMENÊUTICA PARA A GEOGRAFIA HUMANISTA

HORIZONS OF LIFEWORLD: REFLECTIONS ON THE CONTRIBUTION OF HERMENEUTICS TO HUMANISTIC GEOGRAPHY

Eduardo Simões Geraldês¹

RESUMO

Na trajetória de formação do corpo teórico e conceitual da geografia humanista, a ideia de mundo vivido ocupa posição importante. Esse mundo no qual estamos imersos, pleno de ambiguidades e de experiências possíveis, torna-se a fonte e contexto da atribuição dos significados que fundamentam a própria condição existencial do ser. A referência está no conceito de *lebenswelt*, formulado por Husserl, que passou a fazer parte do corpo teórico de diversas disciplinas e áreas do conhecimento em diferentes releituras. Para o enfoque da geografia humanista, conceito de mundo vivido abre a possibilidade de mobilização de contextos culturais e situações espaço-temporais para a compreensão do ser-no-mundo. É o *Dasein* que impõe essa compreensão e questiona sobre o sentido do ser, movimento que Heidegger definirá como hermenêutica. Considerando que a condição do ser-no-mundo é também ser-com-o-outro, a proposta hermenêutica oferece um interessante potencial de abordagem para compreensão da dinâmica do mundo vivido e das permanências e transformações que influenciam os modos de constituição do lugar e dos processos de percepção e significação da paisagem.

Palavras-chave: hermenêutica; mundo vivido; horizonte hermenêutico

¹ Doutor em Geografia. Professor Titular da Universidade Paulista (UNIP).
edge@usp.br.

✉ Rua da Paz, 797, Chácara Santo Antônio. 04713-001. São Paulo, SP.

ABSTRACT

The idea of *lifeworld* is central for a theoretical and conceptual corpus of humanistic geography. The world in which we are immersed, full of ambiguities and possible experiences, becomes the source and context for the attribution of meanings that underlie the very existential conditions of being. The main reference lays in Husserl's *lebenswelt*, which came to play an important role for several disciplines and knowledge areas, through different interpretations. From the humanistic geography perspective, the concept of *lifeworld* opens the possibilities of mobilization of cultural contexts and space-time situations related to the comprehension of *being-in-the-world*. Is the role of *Dasein* to ask about the meaning of being as comprehension, action that Heidegger will define as hermeneutics. Whereas the condition of being in the world is also being-with-others, the hermeneutic proposition offers an interesting approach to comprehend the dynamism of *lifeworld*, the permanences and transformations as influences in constitution of place and processes of perception and meaning of landscape.

Key words: hermeneutics, lifeworld, hermeneutic horizon

1

De início, cabe situar numa breve síntese alguns aspectos da fenomenologia devidamente incorporados no desenvolvimento do corpo teórico da geografia cultural e humanista. Presente tanto na obra dos autores anglo-americanos quanto franceses, o fundamento comum é uma posição crítica aos aportes positivistas adotados pela geografia teórico-quantitativa e perspectivas deterministas. Nesse movimento, a incorporação de elementos teóricos e procedimentos metodológicos oriundos da Antropologia e da História, e a revitalização dos conceitos de paisagem e lugar, convergem como referências importantes na constituição de uma alternativa epistemológica essencialmente plural, capaz de contrapor a perspectiva intersubjetiva ao objetivismo presente no pensamento geográfico hegemônico. Ao invés de fixar a atenção sobre os mecanismos e processos de distribuição das atividades humanas no espaço, a perspectiva do pensamento geográfico humanista volta-se para a experiência do lugar, a percepção, compreensão e interpretação da espacialidade inerente à existência humana.

Mas tal preocupação já estava presente na publicação "*L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique*" por Eric Dardel em 1952. A obra, que permaneceu mais ou menos esquecida até a década de 80, tornou-se uma referência importante por estabelecer de forma definitiva as possibilidades de uma abordagem fenomenológica para a geografia, antecipando questões epistemológicas que posteriormente constituiriam os marcos teóricos para a renovação da geografia cultural e da própria geografia humanista².

² Proposta formalmente por Tuan em 1976: "Humanistic Geography" in. *Annals of the Association of American Geographers*, vol.66, n.2, June, 1976.

Nesse sentido, comparece a noção de geograficidade³ como condição existencial humana, numa contraposição clara à visão positivista da geografia, voltada para a explicação do espaço geográfico como abstração racionalista e totalizadora. Dardel afirma que o equívoco de se tomar o espaço abstrato-geométrico como espaço geográfico, a abstração racionalista em oposição à experiência do espaço, constituiria o principal obstáculo para uma real compreensão geográfica do mundo em que vivemos⁴.

Essa espacialidade inerente à condição humana se apresenta enquanto prática do mundo vivido e é estabelecida em situação concreta, no cotidiano. O mundo vivido, constituído pela diversidade de experiências, não permite a aplicação direta de referenciais quantitativos expressos em forma de medidas de distância ou quadrantes de orientação, que, enquanto abstrações, são sempre elaboradas a posteriori. Assim, Dardel afirma que os referenciais, as experiências espaciais presentes e fundamentais, são expressos pelas noções de afastamento e direção, que têm por foco o corpo e sua materialidade no espaço: o ser que se encontra perto ou longe de algo ou de alguém, que se dirige a algum lugar ou a alguém, imerso no mundo da vida. O espaço, portanto, é construído nesta relação direta com a experiência, na qual os referenciais quantitativos só comparecem como formas abstratas especificamente voltadas para organização e institucionalização da vida em sociedade. É a situação do corpo-

³ "*Connaitre l'inconnu, atteindre l'inaccessible, l'inquiétude géographique précède et porte la science objective. ... une relation concrète se noue entre l'homme et la Terre, une géographicit  de l'homme comme mode de son existence et de son destin.*" (DARDEL, 1990, p.1-2)

⁴ "*L'espace géométrique est homogène, uniforme, neutre. ... Le relief, le ciel, la flore, la main de l'homme donnent à chaque lieu une singularité d'aspect. L'espace géographique est unique;... La géometrie opère sur un espace abstrait, vide de tout contenu, disponible pour toutes les combinaisons. L'espace géographique a un horizon, un modèle, de la couleur, de la densité, il est solide, liquide ou aérien, large ou étroit: il limite et il résiste.*" (DARDEL, 1990, p.2)

sujeito em relação ao mundo que determina a noção existencial de lugar⁵. Nesta direção, o pensamento geográfico busca referências para uma ontologia da espacialidade nos avanços promovidos pela filosofia contemporânea, mais sintonizada com a orientação fenomenológica.

A preocupação do meio científico em identificar a obra dos autores ligados a esta tendência produziu diversas denominações: nova geografia cultural, geografia fenomenológica, geografia existencialista, geografia humanista, geografia humanística, apesar da diversidade de referências, orientações ideológicas e pluralidade metodológica. Longe de uma homogeneidade assim imputada, pode-se afirmar que os autores arrolados sob esses rótulos compartilham um enfoque inspirado mais no espírito que no método da fenomenologia, tomando a compreensão do *Lebenswelt* – o mundo vivido – por diretriz, e o lugar e a paisagem como conceitos fundamentais (Buttimer, 1976). Essa geografia do mundo vivido tem o lugar como condição e centro existencial, locus da experiência e significação, e introduz a dimensão temporal, a partir da própria existência humana, na qual “[...] o tempo é sempre algum lugar e o lugar é sempre algum tempo” (SAMUELS, 1981).

2

A tematização do *lebenswelt* aparece originalmente na obra de Husserl em diversas ocasiões e sob diferentes matizes. Na fase das *Investigações lógicas* (1900-1901) Husserl enfatiza a necessidade de um *retorno às coisas mesmas* a fim de compreender qualquer função lógica ou semântica. Em *Idéias para uma fenomenologia pura* (1913), fala do *mundo circundante* e em *Meditações Cartesianas* (1931) do

⁵ “Du plan de la géographie, la notion de situation déborde dans les domaines les plus variés de l’expérience du monde. La “situation” d’un homme suppose un ‘espace’ où il se meut; un ensemble de relations et d’échanges; de directions et des distances qui fixent en quelque sorte le lieu de son existences” (DARDEL, 1990, p.19).

mundo primordial, mundo comum do cotidiano e cotidianidade ligada à expressão *cotidianidade da vida* (*Lebensalltäglichkeit*). Em *Experiência e Juízo* (1939), Husserl aponta a necessidade do retorno ao mundo vivido como fundamento universal de todas as experiências particulares, o mundo da experiência, onde vivemos e que constitui a base de toda atividade cognoscitiva. Essa sequência de ideias, que se mantém fiel à recusa dos rigores conceituais objetivistas e estáveis oriundos do positivismo, evidencia o processo de constituição do conceito de *lebenswelt* por aproximações sucessivas (Landgrebe, 1975).

O *lebenswelt* husserliano aponta para o mundo evidente e familiar a todo ser humano, baseado na experiência, sempre presente e dado por garantido, limite percebido de um universo potencial mais amplo que ainda não se desvela por estar diretamente relacionado às condições históricas e culturais do sujeito. Landgrebe (1975) afirma que esse horizonte do mundo-da-vida nada mais é que o horizonte da história universal e que a caracterização do horizonte histórico por Husserl como *Vorgegebenheit* (pré-dado; pré-estabelecido; apriori) precede a toda atividade humana ou tomada de posição. É fonte originária das ontologias e permite interpretar a história tanto como possibilidade quanto como efetividade. O mundo da vida torna-se, assim, não apenas o mundo do indivíduo, mas um mundo coletivo delimitado por um horizonte comunitário.

O conceito de *lebenswelt* coloca em jogo as condições históricas e culturais da existência.

[...] o *lebenswelt* é o mundo onde se nasce e se morre, onde se herda uma tradição cultural, onde se comunica através da linguagem, onde se convive com outros seres vivos. O mundo vivido é configurado historicamente por um passado e um presente, transmitido por tradições e expresso em uma linguagem. É o mundo de nossa cotidianidade, em cujo horizonte nos enquadrados para nos orientarmos [...] é a circunstância que

rodeia o sujeito, seu Umwelt ou entorno: mundo de trabalho, da família, da cultura, dos usos e costumes [...] é o mundo da existência concreta pré-científica onde se instala o homem (GÓMEZ-HERAS, 2000. p. 79).

Desta forma, o necessário caminho de retorno da ciência moderna ao mundo-da-vida, conforme sugerido por Husserl, exige um esforço de revisão que implica a superação da polarização sujeito-objeto no processo do conhecimento e do dualismo epistemológico entre ciências da natureza e ciências do espírito. Segundo o autor, esse movimento que busca unificar as racionalidades e linguagens específicas, a partir da própria experiência do lebenswelt, corresponde a uma experiência estruturada numa perspectiva horizontal. Com isso, Husserl intenciona mostrar que o percebido é apenas um limite dentro das possibilidades mais amplas da percepção.

Esse conceito de horizonte contido no lebenswelt aponta para o potencial de realização da experiência enquanto manancial para constituição do conhecimento. Mais que isso, o conceito de horizonte se apresenta simultaneamente como dimensão interna das coisas, de suas potencialidades ainda não explicitadas, e dimensão externa, que envolve o mundo em torno delas.

[...] as vivências particulares acontecem em um âmbito de sentido, que implica uma estrutura inter-relacional das experiências ou horizonte de percepção das mesmas. Tal horizonte remete, em última instância, ao mundo-da-vida como âmbito universal de todo conhecimento empírico (GÓMEZ-HERAS, 2000, p. 134.)

3

A apropriação do conceito de Lebenswelt pela geografia aparece de forma explícita no clássico texto de Buttimer, *Grasping the dynamism of lifeworld* (1976). Longe de ser um contexto estático, esse mundo-

da-vida é essencialmente dinâmico, sedimentado em costumes, usos, saberes e valores impermanentes. É parte do tecido histórico e cultural a partir do qual emerge "a totalidade dos objetos de uma experiência possível e de um conhecimento possível por experiência [...]" (HUSSERL, 1986, p. 8). Foi com esse espírito que Buttimer colocou o desafio de apreender o dinamismo do mundo-da-vida a partir do necessário diálogo com a fenomenologia, entendendo que uma tal tarefa estava fora dos interesses da ciência geográfica hegemônica, fiel aos fundamentos positivistas. Para empreender tal objetivo, buscou o aporte fenomenológico, mobilizando primeiramente o conceito de *habitar* em Heidegger como modo pelo qual o homem vive em relação à sociedade e ao meio. Depois, a intersubjetividade, como forma de promover o diálogo com o meio e com a coletividade a partir da herança sócio-cultural, a noção de corpo-sujeito como condição de relação existencial com o mundo, e a ideia de ritmos espaço-temporais como perspectiva para a dinâmica da experiência do mundo da vida.

A fenomenologia nos convida a explorar algumas forças e condições unificadoras da experiência humana do mundo. Supondo-se que essas condições unificadoras devem residir nos aspectos rotineiros da vida cotidiana (lebenswelt), esta noção oferece um bom início para um diálogo entre a geografia e a fenomenologia.⁶ (BUTTIMER, 1976, p.280).

Na noção fenomenológica de *mundo* reside o contexto no qual se revela a consciência: o mundo que se ancora no passado e se dirige ao futuro enquanto horizonte compartilhado e aberto para que a partir dele sejam construídos os mundos individuais como referência da própria experiência. O mundo da vida é o mundo da atitude natural,

⁶ "Phenomenology invites us to explore some of the unifying conditions and forces in the human experience of the world. Assuming that such unifying conditions may reside in the routinely given facets of everyday life (lebenswelt), this notion offers a good beginning for a dialogue between geography and phenomenology"

da rotina, do cotidiano, da aceitação tácita e despercebida das experiências da vida diária no qual as pessoas estão imersas sem dar conta de sua presença (Buttimer; Seamon, 1980).

Ao focar o *mundo vivido*, mobiliza-se necessariamente a noção de intersubjetividade, que se revela a partir do momento em que o ser, enquanto materialidade, corpo em movimento, se põe em contato com o meio. Neste sentido, a intersubjetividade se revela de fato no cotidiano e só pode existir a partir da noção de estar no mundo enquanto experiência. A noção de intersubjetividade se origina naquela unidade indissolúvel entre o indivíduo (em sociedade) e o lugar, como entidade única, fundadora e constituinte do mundo, devidamente referenciado na obra de Heidegger, mais especificamente no conceito de Dasein.

Uma das principais matrizes do pensamento fenomenológico na geografia (MARANDOLAJR., 2009) o pensamento de Heidegger tornou-se solo fértil para uma aproximação a uma ontologia da espacialidade humana. Dasein, literalmente “ser-aí”, ou “ser-no-mundo”, implica na espacialidade inerente à existência humana. Compreende a situação do sujeito, não enquanto localização geometricamente determinada em um espaço homogêneo e neutro, mas em termos de unidade do “ser-aí”: “O Dasein não habita o espaço, ele espacializa: abre o espaço que ocupa como ser no mundo” (NUNES, 2004, p.17).

Admitindo que a própria existência, o ser-no-mundo, implica na consciência deste mundo, Dartigues (1992) afirma que a consciência só se constitui a partir do momento em que ela se dirige a um objeto, correspondendo ao conceito de intencionalidade, o ato de ligação entre sujeito e objeto, o momento em que o ser se volta para o mundo e constitui a consciência enquanto intenção (*intentio*). É essa formulação que busca superar a dicotomia entre sujeito e objeto e permite introduzir a noção de cotidiano enquanto mundo da vida, nos termos do *lebenswelt* de Husserl, o mundo da experiência imediata,

o mundo pré-reflexivo, contexto tácito e portador dos ritmos da vida diária, que inclui o rotineiro e o incomum, o natural e o extraordinário e se reflete num modo de atenção no qual as pessoas aceitam as coisas como são, sem questionamentos e sem alternativas.

Aparente ponto fixo ancorado no presente, o mundo do cotidiano carrega e atualiza os valores, a memória e as referências compartilhadas do passado. É desta forma que o mundo vivido do indivíduo se dá como um horizonte particular da situação coletiva, uma versão das infinitas possibilidades de realização sob o contexto histórico e cultural da vida em sociedade. Sua dinâmica se baseia na ação e na temporalidade, implicando num conceito de espaço como “[...] continuum dinâmico no qual o indivíduo que o experimenta vive, se movimenta e procura por seu significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valoradas” (BUTTIMER, 1976, p.282).

Uma possível sistematização da experiência do cotidiano no contexto geográfico é proposta por Seamon (1979) a partir de três componentes imbricados e interdependentes:

Movimento, permanência e confronto são os três principais temas em foco aqui... o movimento explora o papel do corpo, hábitos e rotinas em nossas relações cotidianas com o meio... a permanência diz respeito ao apego humano ao lugar... o confronto leva em conta as maneiras pelas quais as pessoas observam e percebem o mundo no qual vivem. Defendo que estes três temas constituem uma possibilidade de retratar o núcleo essencial do comportamento e experiência das pessoas em seu envolvimento no mundo geográfico cotidiano.⁷ (SEAMON, 1979, p.4)

⁷ Movement, rest and encounter are the three primary themes used to reveal the whole here. ... movement explore the role of body, habit, and routine in our day-to-day environmental dealings, ... rest examine human attachment to place. ... encounter consider the ways in which people observe and notice the world in which they live. I argue that these three themes portray in one possible fashion the essential core of people's behavioral and experiential involvement with their everyday geographical world.”

Aqui a tradução dos termos merece certa atenção. *Rest*, além de repouso, adquire o sentido de inatividade, da permanência que aponta para o *demorar-se (aufenthalt)* inerente ao conceito de habitar em Heidegger: "Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas. Enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a que os mortais se demoram: nas coisas" (HEIDEGGER, 2001, p.13). Por sua vez, *encounter* não permite uma tradução direta como encontro, pois o termo original refere-se mais ao confronto com o inesperado, o acaso que traduz mais fielmente a participação ativa do mundo da vida. De qualquer modo, esses três momentos da atividade humana traduzem diferentes tempos da ação, que se apresentam como a unidade constituinte da própria intencionalidade. Assim, o cotidiano se insere como condição inerente da vida social e fundamento da intersubjetividade, situação em que cada indivíduo, desde seu nascimento, aprende a linguagem e todo protocolo de comunicação e comportamento que o habilita a se engajar socialmente no mundo vivido. Fica patente que, ao contrário do que querem alguns críticos mais radicais do enfoque humanista na geografia, essa perspectiva não implica a necessidade programática de construção de uma série infinita de geografias individuais, mas afirma a experiência do mundo enquanto experiência coletiva, pois ser no mundo é necessariamente ser com o outro.

Seja de maneira positiva, negativa ou indiferente, a existência não é só a minha existência, mas também a de outro, comigo compartilhada num ser-em-comum (Mitsein). Ser-no-mundo, o Dasein é igualmente ser com outros, tendo nisso a outra via de acesso ao mundo [...]. (NUNES, 2004, p.17)

4

No plano metodológico, é a partir da intersubjetividade e das convergências dos horizontes pessoais enquanto referências compartilhadas que se torna possível realizar uma abordagem do mundo vivido, no sentido de compreender sua dinâmica. Vale lembrar que, para Heidegger, a linguagem e a compreensão são aspectos estruturais inseparáveis do ser-no-mundo e constituem os instrumentos que permitem a interação do indivíduo com o meio e com o outro. É desta forma que estabelece a ideia fundamental que orienta sua proposta de uma fenomenologia hermenêutica: ser-no-mundo é interpretar o mundo, uma vez que cada ato implica uma busca de compreensão, uma interpretação influenciada diretamente pela historicidade e pela experiência.

Polkinghorne (1983) descreve esse processo de interpretação como uma busca dos significados historicamente condicionados da experiência humana e o desenvolvimento de seus efeitos cumulativos na interação social. Na mesma direção, Gadamer (2007) afirma a linguagem como meio universal onde a compreensão ocorre, reconhecendo o valor do mundo-da-vida como oposição dialética ao mundo técnico-científico. O diálogo hermenêutico que se estabelece, com o outro e com o mundo, é uma forma de negociação, um jogo em que as partes chegam à compreensão por um acordo que constitui o estabelecimento de um horizonte comum. Essa compreensão é que o autor denomina de *fusão de horizontes*, uma interpretação que consiste na relação dialética entre a situação do intérprete e o significado daquilo que se apresenta (o texto). Assim, a fenomenologia hermenêutica tem por objeto específico a interpretação das expressões culturais em busca de seus significados.

Partindo da obra de Heidegger e Gadamer e tomando como fundamento a experiência do mundo vivido enquanto "a linguagem

da experiência e a experiência da linguagem” (ROHDEN, 2002), a densidade da proposta hermenêutica como sistema interpretativo-filosófico acabou por ampliar a própria definição de texto dentro das ciências humanas. A noção de textualidade passou a ser aplicada a uma ampla gama de ações e situações humanas: as linguagens corporais, o vestuário, os costumes sociais, a arquitetura e outras manifestações passam a ser assumidas enquanto expressões culturais legíveis e, portanto, passíveis de interpretação.

Para Heidegger, a noção de compreensão hermenêutica não visaria apenas à reprodução da experiência do outro, mas à capacidade de discernir as próprias possibilidades de ser-no-mundo. Interpretar é compreender as possibilidades existenciais reveladas pelo (con)texto. Existir é interpretar, é compreender o ser. Se o Dasein é o único ente capaz de questionar e dialogar, cabe a ele o ato da interpretação e da compreensão. Heidegger admite que o ser-aí já possui uma pré-compreensão daquilo que vai interpretar: “A interpretação nunca é a apreensão de um dado preliminar isenta de pressuposições” (HEIDEGGER, 1996, p.207). Essa compreensão *a priori* do ser corresponde ao que Heidegger chama de ontologia fundamental que, a partir do Dasein, busca a recuperação da pergunta pelo significado do ser, esquecida pela tradição metafísica.

Gadamer, por sua vez, entende que essa pré-compreensão, essencialmente histórica, é parte fundamental de nossa abertura para o mundo. São os pré-julgamentos, pré-conceitos transmitidos pela tradição, que aparecem como o ponto de partida necessário para a interpretação hermenêutica e referência para a abertura ao mundo. É assim que a hermenêutica favorece a necessária mobilização da intersubjetividade a partir de uma proposta dialógica/dialética, na qual a comunicação proporciona a possibilidade da fusão de horizontes, a principal tarefa da hermenêutica. Assim, a interpretação cancela a

distância entre a tradição e o mundo da vida presente: a compreensão do mundo da vida propõe necessariamente a atualização interpretativa do ser-aí em situação.

Admitindo que a perspectiva fenomenológica tem por foco as experiências e os princípios de organização que dão forma e significado ao mundo da vida, é possível acolher a proposta hermenêutica como contribuição importante para a apreensão e interpretação dos significados daquelas mesmas experiências: “[...] cada momento de existência traz compreensão de nós mesmos e do mundo. Projetar é interpretar-nos, a nós, aos outros e ao mundo.” (HEIDEGGER, 1996, p.18). Esse processo de interpretação é, geralmente, associado ao círculo hermenêutico: uma estrutura dinâmica cujo movimento se estabelece como *compreensão – interpretação – nova compreensão*, numa circularidade que põe em relação direta o intérprete, ciente de suas limitações em função da historicidade de sua existência, e sua situação/contexto, aprofundando progressivamente o envolvimento na experiência intersubjetiva no sentido de alcançar a compreensão.

A partir de Heidegger a hermenêutica não é mais apenas uma reflexão sobre a ciência humana, mas uma explicação da razão ontológica a partir da qual uma ciência fenomenológica pode ser construída. A hermenêutica deixa de ser apenas método para tornar-se a compreensão do ser humano em relação ao mundo da vida.

Cabe então indagar sobre as alternativas para uma apreensão geográfica do dinamismo do mundo vivido no contexto da experiência hermenêutica. Retomando Seamon (1979), é o movimento constante, deslocamentos do corpo-sujeito e fluxos de informação que compõem o contexto dos encontros/acasos e impõem as permanências como rupturas, cada vez mais raras, no ritmo do cotidiano. Demorar-se passou a ser experiência de exceção que se reflete na qualidade das interações com o lugar e percepção da paisagem, agora relegados ao

plano das impermanências. A situação do ser no mundo coloca em jogo os significados de conexões cada vez mais instáveis como referências e contextos espaço-temporais definidos, impondo a necessidade de uma revisão de conceitos e categorias adotados pelas ciências que tratam do espaço humano.

Nesse sentido, a proposta hermenêutica pode oferecer uma alternativa interessante para uma abordagem que se aproxime dos significados mais imediatos e pertinentes ao mundo vivido enquanto vivências em fluxo. Considerando que o mundo-da-vida necessariamente se apoia em um contexto histórico e cultural inerentemente dinâmico, a necessidade de compreensão das referências impermanentes mobiliza a intersubjetividade como fundamento, e o diálogo como recurso metodológico. O caminho para a compreensão exige a apropriação do mundo vivido delineado pela situação histórica e cultural, sem esquecer que qualquer interpretação está sempre limitada ao horizonte do próprio intérprete e implica o enfrentamento da distância que o separa da situação do mundo a ser compreendido. A conduta hermenêutica revela-se promissora ao explorar o processo dessa superação, na qual os limites do horizonte do intérprete confrontam o horizonte proposto pela dinâmica do mundo vivido. Nasce daí uma possibilidade concreta de transformação do mundo vivido a partir do processo de conhecimento e uma abertura para uma ciência produzida através do diálogo direto com o mundo da vida. ☉

Referências

BUTTNER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of**

American Geographers, v.66, n.2, p. 277-299, June 1976.

BUTTNER, A.; SEAMON, D. (eds.) **The human experience of space and place**. New York, St. Martin's Press, 1980.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva: A Virada Hermenêutica**. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

GÓMEZ-HERAS, José Maria García. **Ética y hermenéutica: ensayo sobre la construcción moral del "mundo de la vida" cotidiana**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. de A. Morão. Lisboa, edições 70, 1986.

LANDGREBE, Ludwig. **Fenomenologia e história**. Caracas: Monte Ávila, 1975.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, São Paulo, 2009.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004

POLKINGHORNE, D. **Methodology for the human sciences: systems of inquiry**. Albany: State University of New York Press, 1993.

ROHDEN, L. **Hermenêutica Filosófica**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2002.

SEAMON, D. **A geography of the lifeworld: movement, rest, and encounter**. New York: St. Martin's Press, 1979.

Submetido em Março de 2011.

Revisado em Abril de 2011.

Aceito em Agosto de 2011.